



Valores espirituais inspiradores à nossa fé: a Primeira Carta de São João

Spiritual values inspiring our faith: the First Letter of Saint John

*Osmar Debatin**

FACASC

*Norberto Moro***

FACASC

Recebido em: 05/04/2024. Aceito em: 12/06/2024.

Resumo: *Na Primeira Carta de São João (1Jo) encontramos os valores inspiradores à nossa fé e o poder redentor no amor vivido por Jesus, na contemporaneidade. Mas, como os cristãos na atualidade vão meditar em seu cotidiano e realizar essa práxis social do amor fraterno exigido por Jesus? Para responder a esta questão, este artigo tem como objetivo descrever os valores espirituais inspiradores à nossa fé e resiliência cotidiana a partir da 1Jo, realizado com base na pesquisa bibliográfica a partir da visão de quatro estudiosos desta carta: Zuleika Silvano, Isidoro Mazzarolo, Joseph-Oreol Tuñi e Xavier Alegre. O artigo foi estruturado em dois capítulos: no primeiro, descrevemos a crença em Jesus Cristo e o amor ao próximo, onde, se temos fé nesta conexão com este Deus Amor, somos chamados a vivenciar em nossa história o início “da civilização do amor”. No segundo, tratamos da práxis amorosa de Jesus segundo a Primeira Carta de São João, que foi um movimento construído sobre o amor incondicional e original do Deus Pai pela criação. A grande novidade trazida por Jesus Cristo,*

* Doutor em Teologia Bíblica (Pontificia Università S. Tommaso d'Aquino, Angelicum, Roma, 2020). Mestre em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 2011). Docente na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC.]

E-mail: peosmar@gmail.com.

** Mestre em Engenharia Civil (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC (2013). Especialização em Doutrina Social da Igreja (Faculdade Católica de Catarina, FACASC, 2016). Especialização em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, 2018). Bacharel em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, 2023). Professor de Mecânica no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) desde 1981.

E-mail:norbertomoro@gmail.com.





resumida pela 1Jo é esta: “Deus é Amor” ou, podemos dizer também “Deus é amar”, conforme 1Jo 4,8-16. Mas esta novidade testemunhada por Jesus só terá crédito frente ao mundo se Ele observar em nossa atitude, uma práxis amorosa para com todos os irmãos, especialmente os mais pobres.

Palavras-chave: amor ágape; Primeira Carta de São João; comunidades; civilização do amor.

Abstract: *In the First Letter of Saint John (1Jo) we find the values that inspire our faith and the redemptive power in the love experienced by Jesus, in contemporary times. But, how are Christians today going to meditate in their daily lives and carry out this social praxis of fraternal love demanded by Jesus? To answer this question, this article aims to describe the spiritual values that inspire our faith and daily resilience from 1Jo, carried out based on bibliographical research from the vision of four scholars of this letter: Zuleika Silvano, Isidoro Mazzarolo, Joseph-Oreol Tuñi and Xavier Alegre. The article was structured into two chapters: in the first, we describe the belief in Jesus Christ and love for others, where, if we have faith in this connection with this Love God, we are called to experience in our history the beginning of “the civilization of love”. In the second, we deal with the loving praxis of Jesus according to the First Letter of Saint John, which was a movement built on the unconditional and original love of God the Father for creation. The great news brought by Jesus Christ, summarized by 1Jo is this: “God is Love” or, we can also say “God is loving”, according to 1Jo 4,8-16. But this novelty witnessed by Jesus will only be credible to the world if He observes in our attitude, a loving practice towards all our brothers, especially the poorest.*

Keywords: *agape love; First Letter of Saint John; communities; civilization of love.*

Introdução

Nos evangelhos, Jesus de Nazaré nos fala do poder do amor em transformar tudo e a todos como elemento fundamental na construção de seu Reino. O Papa Paulo VI chama esse Reino, nos anos 60, após o Concílio Vaticano II (CV II), de “civilização do amor”, e deixou claro, para nós cristãos, a obrigação de construí-la no porvir.

Sobre o poder do amor nos evangelhos, destaca-se o evangelista João, que cita, entre os vários chamamentos amorosos, as afirmações de Jesus: “Permanecei no meu amor para dar muitos frutos” (Jo 15,9-10) e a poderosa exigência da Primeira Carta de São João: “que nos amemos uns aos outros” (1Jo 3,11).

A comunidade joanina, vista nesta sua 1Jo, se caracteriza pelo acolhimento de todas as pessoas, chamadas a assumir o amor ágape de Jesus, de serviço, até as últimas consequências. Sim, a vivência do



amor como sinal do discipulado de Jesus é a principal herança que João transmite à sua comunidade, e que chega até aos nossos dias de hoje.

Como os cristãos de hoje vão meditar em seu cotidiano e realizar essa práxis social do amor fraterno exigido por Jesus? É um desafio que, mais que a simples esperança, é um se levantar, ir atrás, construir, não desistir dos sonhos de transformar o mundo a sua volta num patamar mais civilizatório e, ao mesmo tempo, se converter numa pessoa mais generosa e solidária.

Para responder a esta questão temos como objetivo geral descrever os valores espirituais inspiradores à nossa fé e resiliência cotidiana a partir da Primeira Carta de São João.

Explicitando teologicamente estes valores, buscamos o aporte bibliográfico de quatro estudiosos joaninos: Zuleica Silvano, em seu livro *Crer em Jesus Cristo e amar os outros*; Izidoro Mazzarolo: *As três cartas de São João*; e, por fim, Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre: *Escritos joaninos e cartas católicas*. Os autores destacados abordam dois temas teológicos centrais para os cristãos: crer no Messias Jesus, filho de Deus, o qual entrega sua vida por amor a toda humanidade e amar os irmãos, sobretudo os mais necessitados, tanto espiritual como materialmente. Desta forma, este artigo foi estruturado em dois capítulos: Crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros e A práxis amorosa de Jesus segundo a 1Jo.

A grande novidade trazida por Jesus Cristo, resumida na Primeira Carta de São João, é esta: “Deus é Amor” ou, podemos dizer também “Deus é amar”, conforme 1Jo 4,8-16. Mas esta novidade testemunhada por Jesus só terá crédito frente ao mundo, se Ele observar em nossa atitude cotidiana uma práxis amorosa para com todos os irmãos, principalmente os mais pobres.

1 Crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros

Para Zuleica Silvano (2019, p. 9) a Primeira Carta de São João pode ser considerada como uma carta exortativa (parenética), que foi facilmente admitida no cânon na metade do século II, sendo endereçada:

A um grupo, com a finalidade de anunciar o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, além de indicar um itinerário cristão para aqueles que aderem a Jesus, o Filho de Deus, após o Batismo, e de manter a fé da comunidade diante das falsas doutrinas propagadas pelos chamados



falsos profetas. Por isso, é o escrito que mais estabelece uma relação entre fé e amor, entre professar que Jesus é o Cristo e o agir cristão.

Silvano (2019, p. 11) propõe o seguinte esquema literário para essa carta:

Na primeira parte, o cristão é convidado a caminhar na luz, pois 'Deus é Luz' (1Jo 1,5-2,17); na segunda, há uma contraposição entre a manifestação do anticristo e a revelação de Cristo (1Jo 2,18-28; na terceira, os seguidores de Jesus Cristo são exortados a praticar a justiça, dado que 'Deus é justo' (1Jo 2,29-3,2); e o fiel é considerado filho de Deus (1Jo 4,8.16); na última parte, apresenta-se a necessidade de viver a comunhão com Deus e com o outro, pois 'Deus é amor' (1Jo 5,18-21).

O tema e o personagem central de 1Jo é Jesus Cristo, mas a carta é também perpassada por referências a Deus Pai e ao Espírito Santo. Esse foco em Jesus embasava uma interpretação equivocada da Primeira Carta de São João por pessoas que pertenciam à comunidade. Estas não concediam significado salvífico à pessoa de Jesus de Nazaré e, assim, não aceitavam a redenção. Este comportamento negacionista criou um problema antropológico. Diziam que viviam em união com Deus, portanto, estavam isentos de pecado (1Jo 1,8-10) e não precisavam amar o irmão (1Jo 2,9-11; 3,11-18; 4,20). Por isso, o valor redentor da morte de Jesus como expressão da salvação de Deus (1Jo 1,7; 2,2; 4,10; 5,6.8) é enfatizado nessa carta.

Zuleika Silvano pontua ainda que:

A comunidade cristã, portanto, é chamada a crer em Jesus e a segui-lo na prática do mandamento do amor e da justiça. Aquele que diz que ama e conhece a Deus, mas não ama o seu irmão, como sublinha João, é um mentiroso (1Jo 2,4). De fato, a fé tem como conteúdo fundamental acreditar no amor de Deus revelado em Jesus Cristo, e não há compatibilidade entre professar a fé nesse amor e não agir de acordo com essa fé (2019, p. 18).

Podemos afirmar que Deus é luz e amor, e que, segundo Silvano (2019, p. 19):

Ele ama a humanidade, convida cada pessoa batizada a amar o próximo (1Jo 4,11-12) e permanece em estreita comunhão com aqueles que creem em seu Filho (1Jo 4,12.15-16.) Outra referência a Deus está em 1Jo 3,20 quando João afirma que Ele conhece todas as coisas e é misericordioso



e benevolente e ressalta que o plano salvífico é de Deus Pai, por isso envia seu Filho para conceber a vida eterna para todos (1Jo 5,11-20).

Para Isidoro Mazzarolo (2010, p. 28), há uma interpretação de dualidade equivocada e separada, na comunidade da 1Jo sobre a natureza divina de Cristo e seu aspecto humano, onde, o messias Filho de Deus ocupa o centro desta nova doutrina, por isso, o autor destaca que:

É a mais forte polêmica que o autor joanino defende contra os cerintianos. Cerinto e seus adeptos afirmavam que Jesus de Nazaré era humano e o Cristo era Deus. Essa dualidade prejudicava toda a compreensão da pessoa de Jesus, da pessoa humana e dos fundamentos da fé cristã. O Autor Joanino, enquanto combate essa heresia, esclarece aos seus leitores que Jesus é Unigênito, o Filho de Deus, o Verbo da Vida.

Assim, a Primeira Carta de São João acentua algo novo aos agnósticos que se diziam sem pecado e muito próximos a Deus, sem necessitar de mediação alguma, porém eles não compreendiam a mensagem mística do Jesus Amoroso, o qual afirmava que ninguém está em comunhão com Deus se inicialmente, não está unido aos irmãos, principalmente os mais sofridos (1Jo 3,16-17).

Os agnósticos estabeleciam uma separação entre a fé cristã e as exigências éticas, supervalorizando somente uma experiência intimista e individualista de Deus. Por isso, a 1Jo insiste em afirmar que a fé não é desconectada do amor ao próximo, e a fé em Jesus, como filho de Deus, está na base do mútuo amor. Assim, a expressão “Deus é Amor” sintetiza a relação existente entre Deus e a humanidade e é uma das expressões mais profundas do cristianismo. O amor não é somente um modo com que Deus se comporta, mas faz parte do seu ser, é intrínseco a Ele (Silvano, 2019, p. 120). E Deus Pai nos deu Jesus Cristo, que veio ao mundo para demonstrar a nós a sabedoria deste infinito amor que deve ser vivido entre nós.

1.1 Permanecer no amor de Jesus

Para permanecermos no amor de Jesus, precisamos ser testemunhas da ética cristã na vida privada e na pública, como assinala Zuleica (2019, p. 127):

Permanecer em Deus é morar em Deus e ele em nós, de modo permanente, ou seja, Deus faz em nós sua morada; estamos unidos



permanentemente em Cristo e, assim, estamos constantemente em sua presença. Esse permanecer em Deus não é uma experiência abstrata ou mero espiritualismo, mas é expresso no amor fraterno, e esta é também a forma de professar a fé em Cristo, como vemos em 1Jo 4,13-14.

Outra novidade importante que se destaca na 1Jo é a exigência do seguimento de Jesus, onde seguir seus passos de amor ágape se dá em dois mandamentos: crer em Jesus Cristo ressuscitado e amar a Deus e o irmão e a irmã que padecem de problemas espirituais ou materiais para terem uma vida digna.

Assim, na 1Jo espera-se que neste Reino haja comunidades fraternas, marcadas pelo cuidado mútuo, por ações solidárias e pela prática da justiça. O amor e a fé são dons concedidos por Deus, mas também supõem um empenho de cada membro da comunidade em escutar a vontade de Deus e colocá-la em prática no mandamento do amor (1Jo 4,11).

Logo, a maior missão evangelizadora hoje é o sinal da vivência desse amor serviço-ágape, manifestada entre as pessoas próximas de nós ou não, ou seja, de se importar com elas desde os simples gestos de cumprimentá-las e de escutá-las. Nisto, sim, consiste em sermos sinais do seguimento de Jesus, nossa verdadeira humanização em todos os espaços, sobretudo nos públicos e não somente em nossas comunidades.

Esta vivência se expressa na compaixão em sentir no lugar dos que sofrem e assim tentar superar suas aflições cotidianas. Atitude que caracteriza o ser cristão, um estilo de vida, mas que está em processo, sempre pode ser aprimorada, ou seja, sua práxis amorosa porque este encontro consiste ver no outro o rosto do próprio Deus-Amor.

Deste modo, na carta Encíclica *Laudato si*, (2015, n. 231) o Papa Francisco menciona explicitamente este “amor civil e político”, onde:

O amor, cheio de pequenos gestos e cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre indivíduos, mas também ‘as macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos e políticos’. Por isso, a Igreja propôs ao mundo o ideal duma ‘civilização do amor’.

Nesta ótica, Francisco de Aquino Júnior (2019, p. 217) afirma que não se pode perder de vista a dimensão sócio estrutural da opção



pelos pobres. E, aprofunda este pensamento ao destacar que para esse agir concreto, não basta só a *conversão do coração*. É preciso insistir, outrossim, na necessidade e urgência de *transformação das estruturas da sociedade*. Aqui, precisamente, emerge o tema da justiça: não em oposição ou como alternativa à caridade, mas como expressão social e política da caridade assumida numa sociedade injusta e desigual.

Por isso, Zuleica Silvano (2019, p. 160), descreve o que vivemos na contemporaneidade:

mergulhados numa densa rede de informações; mas, muitas vezes, permeada de pouca relação e de muito isolamento. Somos, portanto, desafiados a recuperar ou estar atentos a um processo sempre maior de acolhimento, por meio da escuta e da atenção ao outro. Isso requer diálogo, perdão, comunhão, busca da unidade na diversidade e uso de meios adequados para gerenciar as convivências e os conflitos. Nasce também o desafio de desenvolver processos de comunicação autênticos, capazes de ampliar e desbravar novos horizontes.

Assim, encontrar-se com Jesus Cristo, o Filho de Deus e com seu Reino, significa também assumir o seu projeto, pautando a própria vida pelo princípio do amor. (1Jo 5,1). Jesus nos chama a uma nova caminhada marcada pela solidariedade, compaixão, justiça e mais, termos um estilo de vida interpelado pela ética. A ética, portanto, não é uma mera exigência de viver a justiça e o direito, mas é um agir permeado pela experiência do Jesus histórico e pela fidelidade ao projeto do Pai (Mazzarolo, 2010, p. 72).

Enfim, este princípio do amor conduz à perspicácia em buscar formas de responder às necessidades de traduzir a mensagem cristã para as várias realidades culturais, sociais e políticas evidenciadas na 1Jo, e de como deve ser o comportamento do cristão em sua comunidade e na sociedade e para isso, precisamos permanecer no amor de Jesus.

2 A práxis amorosa de Jesus segundo a 1Jo

Para Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre (1999, p. 167), o amor fraterno de Jesus Cristo é um dos principais temas da 1Jo. Uma breve referência estatística o torna evidente: a 1Jo utiliza o verbo amar (*agapan*) em vinte e oito ocasiões (duas vezes na 2Jo). O evangelho de João, por sua vez, o utiliza em dezoito ocasiões, a maioria nos capítulos 13-21. Para muitos autores, esse tema é o fio condutor fundamental da carta.



A realidade mais profunda do amor foi conhecida através de Jesus: “nisto conhecemos o amor: Ele deu a sua vida por nós. E da mesma forma, nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3,16). Mas a implicação deste dar a vida não é deixada à improvisação de cada um, pois: “se alguém possuindo os bens deste mundo, e vê o seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,17-18).

Neste sentido, para Eduardo da Silva Martins (2022, p. 23) a esmola corporal se realiza nas circunstâncias em que as necessidades do próximo dizem respeito ao seu corpo. Cada miséria corporal tem a sua esmola, ou obra de misericórdia: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; recolher os peregrinos; visitar os enfermos; redimir os cativos; sepultar aos mortos. Dentre as indicações de esmola corporal na Sagrada Escritura, destaca-se o discurso de Jesus sobre o último julgamento, no qual seremos julgados pela quantidade de amor que entregamos ao mundo:

Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. [...] Em verdade vos digo: cada vez que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (Mt 25,34-36.40).

Assim, Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre (1999, p. 170), destacam que o amor de Jesus não é original: “assim como o Pai me amou, eu também vos amei. Permaneci em meu amor” (Jo 15,9); pois a origem do amor de Jesus aos seus, conforme Jo 13,1, é o amor do Pai e para completar, o amor do Pai significa a sua entrega incondicional: “o Pai ama o Filho e tudo entregou em suas mãos” (Jo 3,35); “para que contemplem a minha glória, que me deste porque amaste antes da criação” (Jo 17,24). A relação entre Jesus e o Pai é fundamentalmente amorosa porque o Pai entregou tudo ao filho: a vida, o poder de julgar, o poder de dar a vida, o poder de ressuscitar (Jo 5,26.27; Jo 6,40.57).

Logo, Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre (1999, p. 170), destacam que podemos afirmar que o amor de Jesus é de dar a vida, porque, por sua vez, Jesus a recebeu do Pai. Jesus a recebe e, depois pode doá-la entregando a vida. Nesse sentido, o amor de Jesus aos seus até a morte, coincide com o mandamento que Jesus recebeu do Pai.



2.1 Conhecer e praticar o mandamento do amor

Segundo Isidoro Mazzarolo, (2010, p. 59-60), unir fé pela oração e a práxis cotidiana do ser cristão, significa,

Conhecer e praticar os mandamentos é uma equação simples, uma estrada de mão dupla. Não é possível fazer uma coisa só, como um trem que não anda sobre um único trilho. Nos ensinamentos de Jesus, não há como chegar a Deus pela oração unicamente: ou se reza e se pratica a vontade do Pai, ou não há como o encontrar, conforme Mt 7,21. Não é possível conhecer a Jesus sem praticar seus ensinamentos. Essa forma clássica de relacionamento entre a vontade de Deus, o conhecimento de Jesus Cristo e o amor ao próximo tira qualquer dúvida a respeito do seguimento ou não de Jesus, conforme o evangelho de João 13,34-35.

Com essa instrução do Reino em Jo 13,34-35 “Dou-vos um novo mandamento de amar-vos uns aos outros...como eu vos amei...”, não ficam dúvidas sobre se vincular ou não a essa nova comunidade. Se permanecermos só na oração que não leve a uma prática cristã reflexiva não fundamentada no amor cotidiano aos irmãos, ficaremos fora desse plano de amor e compromisso com o Novo Mandamento. Como bem menciona Jesus em Mt 7,21: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor! Senhor!’ entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai, que está nos céus”.

Isidoro Mazzarolo (2010, p. 60) afirma ainda que a prática da Palavra aperfeiçoa o amor, pois essa não é uma realidade completa e acabada, e quem o consegue encontrar e praticar verdadeiramente, se aproximará de Deus.

Embora o amor entre as pessoas seja tão antigo e presente em todas as culturas, povos, línguas e raças, ainda é a melhor receita para a convivência humana. Jesus trouxe novo sabor ao amor no Novo Testamento. Agora há uma revolução, uma inovação no judaísmo porque o amor ágape de Jesus da Galileia designa ao mesmo tempo, esse amor atemporal de Deus pelos homens e mulheres, mas inclui esse amor fraternal entre os que estão próximos quanto a seu inimigo e eis aí a grande revolução amorosa que só podia vir do Filho do Deus-Amor.

Esse amor ágape de Jesus, amor de serviço, amor desinteressado, amor fraternal com os mais fracos e perdidos é o que devemos testemunhar a fim de cativar mais pessoas a segui-lo com afimco e esperança. Contudo, apesar desse conhecimento, há ainda resistência a esta prática



do amor, haja vista que vemos a questão do ódio e da ganância no nosso meio. O amor não é teoria, “porque o vosso amor não é hipocrisia”, conforme Rm 12,9. Como cita Isidoro Mazzarolo (2010, p. 61), quem ama liberta, transforma, constrói o bem e a justiça. Noutras palavras: “O ódio tem afinidade com a treva e o pecado; o amor se aproxima da luz e do bem; amor e ódio não se casam!” (Mazzarolo, 2010, p. 61).

Reforçando a importância desse amor ágape de Jesus transpassar nossos corações, Isidoro Mazzarolo (2010, p. 62) esclarece:

O amor passa pelos gestos, pelo olhar, pelo falar e pelo fazer. Quem age sem amor não constrói, pois só o amor constrói, conforme 1Cor 8,1. Não há como fazer algo diretamente a Deus, pois Jesus já havia deixado claro que ninguém vai ao Pai, senão por Ele (Jo 14,6). Só é possível ir a Deus junto com o outro e só se pode servir a Deus servindo o outro (Mc 10,45). Portanto, quem pratica o amor ao seu próximo é discípulo de Jesus Cristo e ama a Deus. O amor não se resume em gestos generosos, mas é fonte da generosidade. O amor é a força interior que move todo o agir do ser humano, pode ser percebido nas atitudes concretas e não pode ser confundido com gestos de simpatia e graça. Na graça do amor brotam o perdão, a justiça e a caridade.

Assim, para a 1Jo, os 10 mandamentos estão resumidos em um único, ou seja, viver esse amor ágape ao próximo que sofre do jeito que Jesus amou e ensinou, sobretudo, a amar os desvalidos (1Jo 3,23). O essencial da estrutura do amor passa pela comunhão recíproca, a qual exige um amor oblato, incondicional e radical, de sacrifício ao estilo de Jesus (Fl 2,5-8).

Desta forma, Isidoro Mazzarolo (2010, p. 78) acentua que existe algo novo na interpretação sobre a morte de Jesus na cruz:

Se faz mister corrigir algumas posturas teológicas impróprias, tais como: Jesus veio para morrer na cruz a fim de nos salvar! Jesus deu sua vida na cruz por amor! Na cruz Jesus nos resgatou do pecado e da morte! Tais sentenças são inadequadas para um cristão, pois Jesus não veio para morrer na cruz. A morte na cruz foi o resultado dos filhos de Caim (como exemplificação do mal para João), que guardavam o Templo, mas não o projeto de redenção do Pai. Jesus veio para nos ensinar o caminho para o Pai através da solidariedade.

Destarte, não podemos nos esquecer de que a integridade do ser humano é constituída não só do corpo, mas de valores espirituais irrenunciáveis para uma plena realização. Há uma liberdade verdadeira de ser feliz, renunciar a si mesmo e os valores mundanos, seguindo os



rastros amorosos de Jesus. O que preenche verdadeiramente e por completo o nosso ser é Ele, pois,

Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim. Aquele que não toma sua cruz e não me segue não é digno de mim. Aquele que acha a sua vida, a perderá, mas quem perde sua vida por causa de mim, a achará (Mt 10,37-39).

2.2 Amar é colocar em prática os mandamentos

Quem está em sintonia com o poder do amor divino, deve seguir no cotidiano, com os seus mandamentos e seu projeto de amor para a nova “civilização do amor” destacada por Jesus nas bem-aventuras como um estado pleno de felicidade ainda não visto por nós. Segundo Isidoro Mazzarolo (2010, p. 91), o amor tem duas direções: a confissão de Jesus Cristo como Filho de Deus e a prática do amor ao próximo. Logo, quem nasceu de Deus ama tudo o que é nascido deste Ser. Ou seja, pertencente a Ele e da mesma natureza.

Por isso, na 1Jo, em seu capítulo 4, versículo 20, afirma: “quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar”. Assim, se alguém pretende afirmar que ama a Deus, deveria estar consciente das exigências sociológicas, éticas, políticas e econômicas que essa assertiva impõe. Não há amor a Deus sem justiça social, sem luta concreta pela dignidade do outro, sem libertação total e completa de todas as prisões (Lc 4,18 e Is 61,1-2). Neste texto, Isaías 61 relata a espera do novo Messias, que traria a verdadeira justiça de Deus. Jesus é o novo Messias, pois, na sinagoga, em leitura, declara que Nele tinha se cumprido a profecia de Isaías Lc 4,18-19:

O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a Iahweh e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados.

Portanto, o Novo Mandamento do amor integra todas as pessoas que se dispõem a amar os outros, desde a sua família de origem biológica até a comunidade social, onde pessoas de origens diversas, idiomas diferentes e culturas distintas se integram numa mesma perspectiva, numa única linguagem, que é a do Espírito Santo (At 2,42-46).



2.2.1 Acolher a práxis amorosa de Jesus

A 1Jo destaca que todo fiel que crê que Jesus é o Cristo, o nascido de Deus, e todo aquele que ama a quem o gerou, também ama ao que Dele é nascido. Nesse ato de fé se percebe que amamos os filhos de Deus quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos amorosos de convivência fraterna. Esse ato de fé é descrito nesta carta com palavras inspiradas em 1Jo 3,23-24:

Este é o seu mandamento: crer no nome de seu Filho Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros conforme o mandamento que ele nos deu. Aquele que guarda seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e nisto reconhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.

Assim, Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre (1999, p. 171) sobre como devemos amar nossos irmãos, segundo a 1Jo 3,23 e 2Jo 5, destacam:

O amor da pessoa que crê não é original: vem de Jesus. Mas para que o amor alcance o seu objetivo (isto é, os irmãos), o crente há de acolher primeiro o amor que Jesus lhe oferece. Este primeiro passo é fundamental: se não se acolhe o amor de Jesus não se pode amar os irmãos com o mesmo amor que Jesus nos ama em (1Jo 3,16). O mandamento, portanto, tem uma primeira parte: acolher. É preciso acolher para poder dar. Aqui está a força do “como” em Jesus. Não é um simples exemplo como se vê em Jo 13,15, vai muito mais além. O amor de Jesus deve ser acolhido, e então, gera dom, gera amor, dá vida. É, portanto, a aceitação da doação de Jesus (do amor de Jesus) o que capacita o crente para a doar-se aos demais: ‘nisto conhecemos o amor: ele deu a sua vida por nós. E nós, também devemos dar a nossa vida pelos irmãos’ (1Jo 3,16).

Desta forma, passamos da morte para a vida, isto é, da morte do pecado à vida da graça por uma certeza moral, quando vivenciamos o amor ao próximo. Aquele que não ama a Deus e ao próximo permanece na morte. Aquele que odeia seu irmão em grau considerável, é um assassino. Esse texto de (1Jo 3,14) deve ser relido para meditarmos diariamente de que o amor ao próximo é a porta de entrada à eternidade, ou seja, passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos, pois, aquele que não ama permanece na morte (1Jo 3,14).



2.3 Amar a Deus e/ou ao próximo

A questão do amor na teologia tem sido uma constante nas reflexões e estudos bíblicos. Vários estudiosos deram importância à teologia do amor: dentre os santos padres e doutores da Igreja, podemos citar Agostinho de Hipona, João Crisóstomo e Santo Tomás de Aquino. No magistério da Igreja recente e atual, a teologia do amor se faz presente nos documentos pontifícios. Dentre estes, aborda-se neste artigo: *Deus caritas est*, do Papa Bento XVI, e *Fratelli tutti*, do Papa Francisco. Ambos os documentos são categorizados como encíclicas sociais. Através delas, os papas apresentam a sua compreensão acerca do amor e propõem modos práticos para que os fiéis vivam o amor a Deus e ao próximo no tempo presente, nas condições sociais, políticas, culturais e econômicas em que estão inseridos.

Neste contexto, Eduardo da Silva Martins (2022, p. 17) comenta a virtude teologal do amor, vivenciada pelos atuais cristãos:

A teologia do amor tem como seu objeto o amor enquanto atributo de Deus, lei divina de amor a Deus e ao próximo, virtude teologal da caridade e capacidade humana de amar. As suas contribuições servem às áreas da teologia sistemática, pastoral e espiritual. Mais recentemente, o Papa Francisco tem expandido o horizonte da teologia do amor para oferecer contribuições à teologia política e à política mundial. Por isso, abordar tal tema na perspectiva da Sagrada Escritura, de teólogos e do magistério é relevante e pode contribuir com o estudo teológico.

Logo, a questão não é escolher entre o amor a Deus e o amor ao próximo, como sugere o pensamento que opõe à dedicação a Deus à dedicação às pessoas humanas, ou como de fato acontece num ativismo social voltado só para a realização prática da solidariedade, mas, segundo Johan Konings (1996, p. 49), há que se aprofundar ainda mais sobre esse amor fontal vindo do Deus Pai criador, uma vez

que, na ótica joanina, não exige ser amado, mas se alegra quando seu amor é comunicado, como o dono da vinha se alegra com a colheita (Jo 15,8). Esta compreensão joanina explica a preponderância do mandamento do amor fraterno no Novo Testamento em comparação com o mandamento do amor a Deus. “Nisto está o amor: não que nós temos amado a Deus, mas que ele nos amou primeiro enviando seu Filho dileto [...]. Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos



uns aos outros” (1Jo 4,10-11). Oxalá nosso amor fraterno tenha essa gratuidade com que nos amou aquele que é Amor e Fonte do nosso amor.

2.3.1 Deus se manifesta no amor de Cristo e no próximo

O ser de Deus, que é amar, manifestou-se no fato de Ele nos ter enviado seu filho Jesus, para que tenhamos a vida por Ele (Jo 3,16). O “amoroso” neste amar consiste em sua gratuidade: não fomos nós que amamos Deus, mas Deus que amou a nós e enviou seu Filho para ser aquele que expiasse o peso dos nossos pecados. E como Jesus realizou essa expiação? Fazendo aquilo que Deus gosta: amando. Em 1Jo 4,11-12, lemos: “Amados, se Deus assim nos amou, devemos nós também amar-nos uns aos outros”.

O Papa Francisco, na sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (2020, Ft 92) defende que a estatura espiritual da vida humana é medida pelo quanto conseguimos amar. Assim, seremos mais felizes na medida em que tornarmos mais pessoas felizes a nossa volta:

A estatura espiritual duma vida humana é medida pelo amor, que constitui «o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana». Todavia há crentes que pensam que a sua grandeza está na imposição das suas ideologias aos outros, ou na defesa violenta da verdade, ou em grandes demonstrações de força. Todos nós, crentes, devemos reconhecer isto: em primeiro lugar está o amor; o amor nunca deve ser colocado em risco, o maior perigo é não amar (1Cor 13,8-10).

Contudo, o importante é perceber que o mandamento por excelência, o mandamento do amor, não é uma regra abstrata, mas uma atitude de vida que se concretiza em práticas diversificadas, que, como os preceitos da antiga Lei, orientam todos os momentos de nossa vida. Assim, para Johan Konings (2019, p. 80), não basta dizer “eu amo tanto”, é preciso mostrar isso nas diversas ações do nosso cotidiano. Mas a razão principal para dizer que os preceitos não são difíceis é esta: quem os observa é filho de Deus; quem nasceu de Deus vence o mundo, e a vitória que vence o mundo é a nossa fé (1Jo 5,4).

Isto o Papa Francisco evidencia na Carta Encíclica supracitada (FT 95), ao destacar que, viver o amor nos desafia diariamente a se viver também em comunhão universal:



Enfim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: 'Vós sois todos irmãos' (Mt 23,8).

Logo, em Jo 5,13-21, João formulou sua preocupação em termos de fidelidade à profissão de fé e de praticidade no amor fraterno no final dos tempos. Neste sentido, Johan Konings (2019, p. 81), destaca que geralmente o que se traduz como vida eterna, é literalmente “vida da eternidade” e trata-se de uma vida de outro nível, que começa já agora, dentro de nossa existência terrestre, se aderirmos a Jesus e amarmos nossos irmãos. Para tanto, é necessário confiar em Jesus Salvador, filho de Deus, para que Ele atenda o que lhe pedimos conforme seu desejo, em nome da união de vontade entre Cristo e nós.

Conclusão

Para os cristãos, vivemos a verdadeira liberdade quando temos consciência de que participamos de uma relação amorosa com Deus Pai criador, com Jesus Cristo, seu Filho Redentor dileto e com o Espírito Santo, a Trindade Santa que nos renova cotidianamente na práxis do amor desde a eternidade. Somos marcados indelevelmente por essa graça gratuita, dom do Deus Trino o qual sempre vem acompanhando nossa trajetória de amor fraterno, em especial para os irmãos mais necessitados. É a força deste Deus Amor que aposta e nos dá sustento necessário para a dialética tensionada do “já” e do “ainda não” definitivo, que é o Reino de Deus e a sua justiça.

Mas sabemos também que todo o ser humano tem, em seu íntimo, o sinal da criação de Deus e assim podemos chegar até Deus, basta abrir o canal de amorosidade para com Ele, afinal, todo o ser humano é “imagem e semelhança” d’Ele (Gn 1, 26). Esta graça é um dom primeiro e absoluto, imerecido talvez, mas é revelado para a toda a humanidade, este grande e infinito amor de Deus para com a toda a criação.

A grande novidade trazida por Jesus Cristo, resumida na 1Jo é esta: “Deus é Amor” ou, podemos dizer também “Deus é amar” (1Jo 4,8.16). Mas esta bela novidade testemunhada pelo Jesus Amoroso só terá crédito frente ao mundo secularizado e materialista, se Ele observar



em nossa atitude cotidiana uma práxis amorosa para com os irmãos, principalmente os mais pobres.

Atitudes de solidariedade e de misericórdia não são fáceis de serem praticadas numa sociedade permeada pelo ódio, pelo egoísmo, pela ganância e com ausência de valores coletivos. Nesta tarefa desafiadora de seguir os passos de Jesus, devemos nos fortalecer espiritualmente para estarmos fortes a este grande desafio que é de levar o amor gratuito às pessoas que nos cercam.

Seremos fortes na fé, enquanto aprofundarmos a graça da mensagem do “Deus Amor” destacada na 1Jo, a qual será alimento espiritual indispensável para também darmos a vida pelos irmãos, sobretudo os mais pobres e necessitados.

Enfim, resumidamente apresentamos os valores espirituais inspiradores à nossa fé a partir da 1Jo, referendados pelos estudiosos destacados acima:

- 1) Crer no Messias Jesus, filho de Deus, o qual entrega sua vida por amor a toda humanidade e exige que amemos os irmãos, sobretudo os mais necessitados, pois o amor de Jesus deve ser acolhido, e então, gera dom, amor e dá vida. É, portanto, a aceitação da doação de Jesus que capacita o crente para doar-se aos demais;
- 2) O agir cristão cotidiano é sermos felizes na medida em que tornamos as pessoas felizes a nossa volta, ou seja, o amor se expressa no compromisso de construir comunidades fraternas, marcadas pelo cuidado mútuo, por ações solidárias e pela prática da justiça para com todos;
- 3) Esta espiritualidade para habitar em nossos corações necessita que tenhamos em nosso cotidiano uma práxis amorosa de equilíbrio conosco, com o mundo material, com o nosso Ser Transcendente que é a força vital para se construir uma sociedade mais humana, e assim, não nos tornarmos apenas intelectuais insensíveis, etilistas, sem bondade e burocratas do sagrado;
- 4) Um sintoma agnóstico ainda presente em nossas comunidades é aquele que estabelece uma separação entre fé cristã e as exigências éticas sociais, supervalorizando a experiência intimista e individualista de Deus. Por isso, a 1Jo insiste em



afirmar que a fé não é desconectada do amor ao próximo, e a fé em Jesus, como filho de Deus, está na base do amor mútuo. A fé é um estilo de vida pelo amor;

- 5) O verdadeiro cristão, a exemplo de Jesus Cristo, evita o pecado (desamor) por meio de um comportamento justo, alertado, conduzido pelo Espírito Santo, e é convidado a uma constante revisão de seu modo de agir, da sua práxis amorosa. Nesse sentido, o amor é um dos temas centrais da 1Jo;
- 6) O amor não é somente um modo como que Deus se comporta, mas faz parte do seu ser, é intrínseco a Ele. Deus Amor é também Deus Ama, é a origem do amor universal e quem vive em comunhão com Ele é interpelado a amar. Somente pode conhecer verdadeiramente Deus Amor quem pratica o amor para com o próximo, pois o amor e o conhecimento de Deus estão intrinsecamente unidos;
- 7) Importante destacar que é Deus Pai quem nos revela os dois mandamentos: o amor e a fé. Ele é a origem, a fonte e a meta da humanidade, pois somente Deus é amor e é fonte de amor e este amor foi trazido pelo seu filho Jesus Cristo, ou seja, é um novo mandamento. Por conseguinte, este mandamento do amor é um apelo constante à justiça em todos os âmbitos: social, político, cultural e religioso;
- 8) Não se pode esquecer da dimensão sócio estrutural da opção pelos pobres. E, para isso, não basta a *conversão do coração*. É preciso insistir também na necessidade e urgência de *transformação das estruturas da sociedade*, ou seja, uma caridade menos assistencialista e mais focada nas pessoas vulneráveis e necessitadas;
- 9) Atualmente precisamos desenvolver o diálogo, o perdão, a comunhão, a busca da unidade na diversidade e o uso de meios adequados para gerenciar as convivências e os conflitos. Nasce também o desafio de desenvolver processos de comunicação autênticos, capazes de ampliar e desbravar novos horizontes de consenso e irmandade, para estabelecermos uma verdadeira amizade social;
- 10) Encontrar-se com Jesus Cristo, significa também assumir o seu projeto, pautando a própria vida pelo princípio do amor. É sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro. É também uma



mudança em nosso modo de conceber, de olhar a realidade, partindo da experiência da mensagem evangélica. Isso exige a reflexão crítica da prática e a perspicácia em buscar formas de responder à necessidade de traduzir a mensagem cristã para as várias realidades culturais, sociais, políticas, e para isso, precisamos escutar profundamente essas realidades;

- 11) Enfim, só queremos realçar a dinâmica “fontal” de Deus, que, na 1Jo, não exige ser amado, mas Ele se alegra quando seu amor é comunicado entre nós, pois, se o Deus Amor mais gosta é de amar, devemos nós também, sempre, amar-nos uns aos outros.

Referências

AGOSTINHO, SANTO. *Confissões*, Cap. I, Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1997.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *Nas periferias do mundo*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *Nas periferias do mundo*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si’*. Vaticano: 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 12 fev. 2024.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli tutti*. Vaticano: 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 10 mar. 2024.

KONINGS, Johan. *Amar a Deus e/ou ao Próximo*. Estudos Bíblicos 51. Petrópolis: Vozes, 1996.

KONINGS, Johan. *Tiago, Pedro, João e Judas: Cartas às comunidades*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

MARTINS, Eduardo da Silva. “*Vai e faz o mesmo*”: A parábola do Bom Samaritano à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino.



122 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2022.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e Cartas Católicas*. 1. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999.

MAZZAROLO, Isidoro. *As três cartas de São João: exegese e comentário*. 1. ed. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2010.

SILVANO, Zuleica. *Primeira Carta de João: Crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019.